

Antropologia em diálogo: a I Semana de Humanidades em Mossoró

Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo, Luis Felipe Kojima Hirano, Maíra Muhringer Volpe, Natacha Simei Leal e Samantha Gaspar



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1841>

DOI: 10.4000/pontourbe.1841

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo, Luis Felipe Kojima Hirano, Maíra Muhringer Volpe, Natacha Simei Leal e Samantha Gaspar, «Antropologia em diálogo: a I Semana de Humanidades em Mossoró», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 30 julho 2008, consultado o 01 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1841> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1841>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Antropologia em diálogo: a I Semana de Humanidades em Mossoró

Eduardo Dimitrov, Íris Morais Araújo, Luis Felipe Kojima Hirano, Maíra Muhringer Volpe, Natacha Simei Leal e Samantha Gaspar

- 1 Entre 8 e 12 de novembro de 2010, participamos da I Semana de Humanidades, realizada na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (Fafic) da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (Uern), em Mossoró (RN). O evento, que reuniu majoritariamente estudantes dos cursos de graduação das áreas de humanidades oriundos de universidades públicas nordestinas, contou com dez grupos de trabalho, nove mesas redondas, treze minicursos e seis oficinas. A conferência de abertura, “Ciência, modernidade e identidade: diálogo entre saberes”, proferida por Otávio Velho (MN/UFRJ), enfatizou, de saída, o lugar estratégico da antropologia para o diálogo entre as disciplinas que conformam as ciências humanas.
- 2 No evento, fomos coordenadores da oficina “Metodologias de pesquisa em antropologia” (Íris Morais Araújo e Natacha Simei Leal) e dos minicursos “Antropologia das expressões artísticas” (Eduardo Dimitrov, Luis Felipe Kojima Hirano e Samantha Gaspar) e “Produções audiovisuais e sociologia” (Maíra Muhringer Volpe). Podemos avaliar que a experiência foi muito positiva, não só pela oportunidade de exercitarmos a prática docente, como também por termos estabelecido diálogo com pesquisadores de outras instituições. Em consonância com a proposta interdisciplinar do encontro, o público de nossas atividades foi bastante diversificado: contamos com a presença de graduandos, pós-graduandos e professores de diversas áreas e instituições.

Metodologias de pesquisa em antropologia

- 3 A oficina teve o intuito de debater, tendo em vista avaliar as potencialidades e alcances, as diferentes formas de produção do material empírico utilizado na análise antropológica. Iniciamos a discussão, tendo como horizonte trabalhar a especificidade

da disciplina na forma de produzir conhecimento, por meio de um debate sobre o trabalho de campo. Afinal, este é um dos instrumentos que permitem apreender o ponto de vista daquele que nos propomos a observar, e que muitas vezes se cola à identidade profissional do antropólogo.

- 4 Porém, a ideia não foi só relatar como o antropólogo trabalha ou expõe algumas questões teóricas e éticas envolvidas nessa prática. Para que fosse possível vivenciar essa situação, propusemos um exercício de estranhamento do centro da cidade de Mossoró. O espaço escolhido – conjuntamente entre coordenadores e participantes da oficina – foi a praça do Mercado e seus arredores.
- 5 O segundo dia da oficina foi destinado a essa tarefa. Reunimo-nos naquele espaço, observamos quem eram os atores que ocupavam a praça e quais eram as regras que vigiam na conformação daquela sociabilidade. A maioria dos participantes da oficina era de Mossoró; o exercício que realizaram foi, portanto, de estranhar a paisagem que lhes era tão familiar.
- 6 Durante a observação de campo os participantes da oficina notaram, por exemplo, que pessoas de diferentes idades desfrutavam da praça de modo próprio, e que homens e mulheres estabeleciam distintas relações com o espaço e com o comércio ao redor. Houve um esforço em perceber que, a partir das atividades realizadas pelos frequentadores do centro da cidade, a praça do Mercado ganha inúmeros sentidos: é, concomitantemente, ponto de encontro, equipamento de lazer, centro de compras e marco histórico de Mossoró.
- 7 Por entendermos que a produção do texto etnográfico é parte fundamental da composição de uma etnografia, concluímos a oficina sugerindo que os participantes escrevessem a respeito da observação que realizaram.

Antropologia das expressões artísticas

- 8 O objetivo das sessões foi o de apresentar alguns dos instrumentais teóricos e metodológicos possíveis para se estudar a arte da perspectiva antropológica. Para que pudéssemos discorrer acerca das variadas abordagens que tal tradição desenvolveu ao longo dos anos, dividimos o minicurso em três partes: na primeira, tratamos do diálogo da antropologia com o cinema; na segunda, com a literatura; e, por fim, com as artes plásticas.
- 9 No primeiro dia, fizemos um breve histórico do diálogo travado entre a antropologia e o cinema. Destacamos, por um lado, os diferentes usos do filme como fonte etnográfica, retomando o início dessa relação, com Ruth Benedict e Margaret Mead, durante a Segunda Guerra Mundial e chegando até a retomada do filme como fonte privilegiada para as ciências humanas nos idos da década de 1970, com o assim chamado giro linguístico, e a etnografia de George Marcus e Michael Taussig – autores que utilizaram conceitos da linguagem cinematográfica, tais como *mise-en-scène* e montagem em seus trabalhos. Por outro, discorreremos sobre o filme etnográfico, passando, entre outros realizadores/antropólogos, por Flaherty, Jean Rouch e David Macdougall. Por fim, fizemos um exercício com os alunos, analisando cenas do filme *Crônica de um verão*, de Jean Rouch (1960).
- 10 No segundo dia, apresentamos as propostas de um conjunto de autores, tais como Antonio Candido e Roberto Schwarz, cuja produção se inscreve na fronteira entre as

ciências sociais e a teoria literária. Salientamos os métodos de pesquisa empregados para trabalhar com a literatura e, por meio destes, as formas pelas quais os elementos externos e internos da obra literária são apreendidos em suas abordagens.

- 11 Na sessão destinada às artes visuais, apresentamos aos alunos algumas linhas de pesquisa que vêm ganhando corpo na antropologia, como, por exemplo, aquelas que versam sobre obras de arte em sociedades não ocidentais. Esses estudos trazem o interessante debate inconcluso a respeito da transculturalidade de conceitos como estética e arte. Apresentamos também estudos voltados à compreensão da arte ocidental – como T. J. Clark e Carlo Ginzburg. Nesse caso, enfatizamos a importância de um olhar antropológico para o estudo de relações como as estabelecidas entre obra e contexto, artista e clientela, para elucidar as formas de produção e de significação das obras de arte.

Produções audiovisuais e sociologia

- 12 Produções audiovisuais têm sido consideradas objeto de pesquisa privilegiado nas ciências sociais para tratar da sociabilidade atual. Estudos recentes mostram que os limites entre público e privado, intimidade e visibilidade, realidade e ficção, são nublados nessas produções. Neste minicurso buscamos introduzir os alunos na discussão desses limites ao mostrar como telenovelas, programas de auditório e outros formatos televisivos (como reality shows e talk shows) contribuem para diluir tais fronteiras.
- 13 No primeiro encontro com os alunos, vindos dos cursos de Comunicação Social e Ciências Sociais, mapeamos a discussão acerca dos “novos” formatos televisivos, inaugurada nos anos 1990, com o lançamento de um dossiê publicado pela Esprit, organizado por Alain Ehrenberg e outros pesquisadores. Discutimos também alguns estudos que deram continuidade a esta reflexão – Hugo Vezzetti, Ester Hamburger, Dominique Mehl, entre outras pesquisas recentes feitas no Brasil.
- 14 No segundo encontro, voltou-se a atenção aos dramas pessoais e familiares, convencionalmente considerados pertencentes à esfera privada, veiculados nos programas de auditório, bem como à produção dessas emissões. Propusemos uma compreensão sociológica da dramatização da vida social por meio de algumas noções desenvolvidas por Erving Goffman. Desse modo, num primeiro momento, destacamos algumas das contribuições da reflexão goffmaniana para o pensamento sociológico – sobretudo as noções de representação e interação social; num segundo momento, depois de assistir a trechos do filme de Peter Weir *O Show de Truman: O Show da Vida* (1998), os alunos debateram a ideia de manipulação e controle da representação nas “relações face a face”.
- 15 O terceiro dia foi dedicado à discussão do uso de depoimentos nas produções audiovisuais. Foram projetados trechos de *Jogo de Cena* (2007), de Eduardo Coutinho, e a sequência inicial de *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann. Ambos são filmes interessantes para debater as convenções do filme documental, porque nublam as diferenças entre ator/atriz (aquele/aquela que “representa” uma história) e personagem “real” (relata uma história vivida). Retomamos, com entusiasmo, a discussão do encontro anterior a respeito da manipulação da representação exercida pelos “atores sociais” nas mais diferentes interações – sejam elas no ambiente de

trabalho, em um velório, numa sala de aula, ou ainda na gravação de um filme para o cinema.

- 16 Com debate travado ao longo do minicurso, cumprimos com um dos objetivos da I Semana de Humanidades: houve entre alunos e professores um rico intercâmbio de ideias, assim como de experiências acadêmicas e de pesquisa.

17 * * *

- 18 É incomum que a pós-graduandos seja dada a oportunidade de coordenar fóruns como estes que participamos, e esperamos que tal prática possa se tornar recorrente em outros encontros. Não é trivial que essa inovação tenha ocorrido em Mossoró. Cidade que sempre forjou, dentro de suas elites, quadros de destaque para a política nacional, este lugar ganhou importância econômica significativa nas últimas décadas em função de seus polos salineiro e petrolífero. A partir da criação da Uern (1999) e da Universidade Federal Rural do Semiárido (2005), Mossoró vem se firmando como espaço de produção tecnológica e científica. A I Semana de Humanidades certamente é efeito da profusão de conhecimento que esse cenário engendra. E que, ao que parece, não vai parar por aí.

Localizada no semiárido nordestino, Mossoró situa-se entre duas capitais, Natal (277 km) e Fortaleza (260 km). Foto: <http://www.viagemdeferias.com/natal/rio-grande-do-norte/mossoro/>

Construção antiga e bastante valorizada pela população local, em torno do Mercado surgiu um conjunto de pontos comerciais que atende Mossoró e os municípios vizinhos. Foto: http://telescope.zip.net/arch2010-02-01_2010-02-28.html.

A política de Mossoró é dominada pela família Rosado. Sobre esse clã pululam histórias. Uma geração da família é toda batizada com nomes que são os números em francês. Às mulheres cabiam os ordinais e, aos homens, os cardinais. Várias ruas da cidade homenageiam essas pessoas, como a Dix-Sept Rosado. Foto: Natacha Simeil Leal.

Uma das ações do poder público municipal de Mossoró foi a criação da praça da Convivência. Em tal espaço foram construídas reproduções das casas antigas da cidade que abrigam equipamentos de lazer, como bares e restaurantes. Foto: Dan Silva